



**ANAIS**

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo  
Contemporâneo**

**XI Colóquio Nacional Cultura e Poder**

**X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos  
sobre Religiões e Religiosidades**

**VI Simpósio Regional da ABHR/Sul**

**Laboratório de  
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

**Universidade Estadual de Londrina (UEL)**

**2025**

**GT – (As múltiplas faces da relação entre Mídias, Religiões e  
Identidades Culturais)**

# O USO DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS POR IGREJAS PENTECOSTAIS

Patricia Vicente Dutra<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho explora o uso de rádios comunitárias por igrejas pentecostais no Brasil, focando especificamente no caso da Rádio Comunitária Cincão FM de Londrina, Paraná. Analisaram-se os objetivos e metodologias empregadas por essas instituições religiosas ao utilizar o espaço radiofônico comunitário. A pesquisa qualitativa, baseada em revisão de literatura e observações de programas, buscou compreender se a atuação dessas igrejas se alinha aos princípios da comunicação popular e comunitária. Constatou-se que as igrejas pentecostais utilizam as rádios comunitárias majoritariamente para a disseminação de suas mensagens religiosas e proselitismo, com pouca ou nenhuma preocupação com os princípios de participação popular, democracia e cidadania inerentes à comunicação comunitária.

**Palavras-Chaves:** Rádios comunitárias. Igrejas Pentecostais. Comunicação popular e comunitária.

## INTRODUÇÃO

O rádio, desde o surgimento das instituições religiosas pentecostais, tem se configurado como um meio de comunicação essencial para a disseminação e sobrevivência dessas instituições no Brasil. Algumas bibliografias indicam que os evangélicos pentecostais são os maiores usuários da mídia radiofônica no país, superando outras denominações religiosas. Este estudo centra-se na apropriação e uso de rádios comunitárias por tais instituições religiosas.

Pretendeu-se observar como essas instituições têm utilizado as rádios comunitárias, como percebem sua atuação nesses veículos e em que medida essa apropriação contribui para a efetivação de uma comunicação popular e comunitária. A comunicação popular e comunitária possui características e reivindicações distintas da mídia comercial.

A Rádio Comunitária Cincão FM, localizada na zona norte de Londrina, Paraná, foi o local para observação e coleta de dados. Em 2012, essa era a única rádio comunitária em funcionamento em Londrina, conforme levantamento realizado no curso de especialização em Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina.

---

<sup>1</sup> Doutora em Serviço Social e Política Social (UEL). Assistente Social da Defensoria Pública do Estado do Paraná.

Por essa rádio, já passaram diversas denominações religiosas pentecostais com seus programas diários. O objetivo não é analisar sistematicamente a programação da Rádio Comunitária Cincão FM, mas usar os programas mantidos por igrejas pentecostais veiculados nela como exemplo para a presente pesquisa.

Abordar-se-á sucintamente o surgimento de algumas instituições religiosas pentecostais e sua relação com o rádio. Buscar-se-á destacar as instituições que se sobressaíram no uso desse meio de comunicação, especialmente no Brasil, utilizando autores como Leonildo Silveira Campos e Alexandre Brasil Fonseca.

De igual modo, tratar-se-á da comunicação popular e comunitária, suas características, reivindicações, origem e conceitos que a compõem. A autora Cecília Peruzzo será a principal referência utilizada para este fim.

A expressão "comunicação popular e comunitária", que aparecerá ao longo deste trabalho, refere-se a uma construção originária do Curso de Especialização em Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina. Entende-se que os conceitos "popular" e "comunitário" possuem particularidades e não devem ser tratados como sinônimos, apesar das semelhanças apresentadas por diversas teorias.

Não se pretende, com este esclarecimento, aprofundar uma discussão conceitual, mas justificar o uso da expressão. Ao empregar a expressão "comunicação popular e comunitária", não se busca reduzir a análise sobre as duas práticas. Não se pretende despolitizar ou desconfigurar os subsídios que cada uma dessas práticas possui no cenário de luta da comunicação.

A comunicação comunitária originou-se dos movimentos populares, representando a necessidade de expressão desses grupos diante da grande mídia. Suas características incluem a ênfase em conteúdos locais de luta e o desafio diário de promover a democracia e a cidadania. É reconhecida como uma ferramenta importante para a propagação de cultura, ideias e informações relevantes para os interesses da comunidade.

A comunicação popular, por sua vez, refere-se a um tipo caracterizado pela oposição às circunstâncias determinadas da realidade. Está intimamente ligada aos movimentos populares de luta protagonizados pelas classes sociais subordinadas (PERUZZO, 1995).

## O USO DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS POR IGREJAS PENTECOSTAIS

O rádio, desde a década de 1920, tem sido um veículo fundamental para a disseminação das mensagens evangélicas e, posteriormente, pentecostais no Brasil, contribuindo para o crescimento e atração de fiéis. As rádios comunitárias, que surgiram no Brasil a partir da década de 1990 como resultado da ação popular em busca de uma comunicação mais democrática e focada na educação e cidadania, também representam um potencial para as igrejas pentecostais e neopentecostais presentes no país.

Campos (2009) aponta que não é possível conceber uma religião na atualidade sem que ela tenha, de alguma forma, passado e permanecido na esfera pública midiática, inclusive por uma questão de sobrevivência. O desenvolvimento da apropriação das rádios comunitárias por igrejas pentecostais, especialmente aquelas que utilizam parte da programação para veicular seus programas, será discutido, tendo como base o estudo da Rádio Comunitária Cincão FM. Não se está tratando de rádios comunitárias concedidas ou de propriedade de igrejas Pentecostais, mas sim do uso de horários nessas emissoras.

O objetivo é identificar o comprometimento dessas instituições religiosas pentecostais com as particularidades da comunicação popular e comunitária. A história do pentecostalismo no Brasil e seu desenvolvimento estão intrinsecamente ligados à história da mídia radiofônica. A primeira onda pentecostal no Brasil, na década de 1910, teve como igrejas pioneiras a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus.

A Assembleia de Deus, em particular, demonstrou maior aceitação a inovações, incluindo os meios de comunicação de massa, adaptando-se melhor às mudanças sociais. Nos anos de 1950 e início de 1960, a segunda onda pentecostal, com a chegada de igrejas como a Quadrangular, O Brasil para Cristo e Deus é amor, já apresentava um engajamento notável no uso do rádio comercial.

Mariano (2008) observa que o rádio é preferido à televisão no meio pentecostal devido ao seu baixo custo, tanto para compra ou aluguel quanto para manutenção, o que o torna mais acessível às faixas mais pobres da sociedade, garantindo maior audiência. Os programas religiosos veiculados buscam atrair os fiéis destacando o poder transformador de Deus, com testemunhos de curas, milagres e bênçãos divinas.

Desde a década de 1970, o campo religioso e o uso dos meios de comunicação passaram por alterações significativas, impulsionadas pela chegada de grupos de igrejas como a Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça, Renascer em Cristo e Mundial do Poder de Deus. Essas igrejas, que propagam a teologia da prosperidade, têm uma presença marcante na mídia brasileira, adquirindo emissoras de rádio e televisão e comprando horários

em emissoras comerciais, mantendo o rádio como um meio importante. Como disse o Bispo Rodrigues em 1997, "Descobrimos que o rádio é um meio de comunicação sem igual, não há nada como o rádio".

Uma pesquisa no Rio de Janeiro revelou que a maioria dos fiéis atingidos pela mídia evangélica não tinha vínculo anterior com evangélicos, o que entusiasma líderes religiosos a investir em pregações eletrônicas pelo rádio e televisão. José Ozean Gomes (2011) destaca que as igrejas evangélicas são o segmento religioso que mais utiliza o rádio historicamente. O pastor Roberto Rabelo, da Igreja Adventista do Sétimo Dia, já em 1940, reconhecia o rádio como um excelente meio de divulgação e expansão da igreja. Outro programa de destaque foi "Meditação Matinal", do Pastor José Borges dos Santos, transmitido pela Rádio Tupi e Rádio Bandeirante.

Gomes (2011) salienta que a presença das igrejas pentecostais, especialmente da terceira onda, que pregam a teologia da prosperidade, possibilitou uma grande arrecadação monetária, resultando em vasto investimento midiático e colocando-as em destaque no uso da mídia para divulgação e manutenção. O rádio, por atingir os mais diversos públicos, regiões geográficas, classes sociais e níveis de educação, torna-se um canal crucial para informações e disseminação de ideias religiosas.

"A participação efetiva da comunidade na elaboração das produções é exatamente o que vai distinguir um veículo comunitário" (PAIVA, 1998, p. 159). Modesto e Guerra (2012) afirmam que o testemunho, transmitido pelo rádio, traz consigo a tradição da oralidade, sendo capaz de transmitir a identidade e, em tempos de mídia religiosa, tornou-se um recurso retórico importante para convencer novos fiéis. Segundo Balberse, "A palavra é fundamental, pois o rádio é um meio de comunicação entre pessoas" (apud ABREU, 2010, p.10).

A comunicação popular "surgiu de um movimento em nível mais profundo: grupos de camponeses ou de trabalhadores discutindo entre si ou com outros grupos similares" (WHITE, R. 1991 apud PERUZZO, 1998, p. 115). Até a década de 1950, alguns pentecostais tinham receio do rádio, considerado a "caixa do diabo", mas após esse período e com o reordenamento do campo religioso brasileiro, o rádio passou a ser visto como um meio para transmitir e propagar ideias, garantindo o crescimento e a permanência das instituições. "A década de 50 foi marcada por mudanças importantes no cenário religioso especialmente no pentecostalismo, com a chegada de missionários ligados ao movimento de 'cura divina'" (GOMES, 2011, p.3).

Fonseca (2003) aponta que a mídia tem um papel importantíssimo no processo de evangelização, resultando em um aumento no número de conversões nos últimos anos. Ele afirma que, "No conjunto geral, o rádio tem tido melhor desempenho do que a TV como instrumento de auxílio da práxis evangélica" (FONSECA, 2003, p. 206). Diariamente, diversas igrejas alugam ou compram espaços em emissoras de rádio para transmitir suas mensagens ao maior número de pessoas possível. As rádios comunitárias, no entanto, não devem ser apenas transmissoras da grande mídia comercial, pois representam um avanço na democratização da comunicação.

De acordo com Cecília Peruzzo (2010 apud GOMES, 2011), uma rádio comunitária vai além dos requisitos legais, caracterizando-se pelo protagonismo da comunidade à qual está inserida. Para Peruzzo (1995, p.30),

[...] a comunicação popular é inserida na conjuntura socioeconômica, política e cultural, ou seja, aquela comunicação de resistência às condições concretas de existência, ligada aos movimentos e organizações populares de setores das classes subalternas, vinculadas a lutas pela melhoria das condições de existência, numa palavra, em defesa da vida.

Miani (2011, p. 231) aponta a comunicação comunitária como uma "alternativa política ao monopólio midiático", por dismantelar planos objetivos e subjetivos do estilo de comunicação da grande mídia. Essa comunicação não é regulada pela ordem mercantil da produção comunicativa.

A comunicação popular e comunitária, sendo uma expressão das lutas populares por melhores condições de vida, representa um espaço para a participação democrática do "povo". Ela possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo, com o "povo" como protagonista principal, tornando-se um processo democrático e educativo. Peruzzo (2008) ressalta a importância de não tratar os conceitos de comunicação popular e comunitária como sinônimos, pois o termo "comunitário" tem sido usado para designar fenômenos comerciais sem ligação com movimentos sociais.

Luz (2011) destaca a importância política das rádios comunitárias e sua característica de inclusão, permitindo que todas as pessoas participem ativamente, independentemente de raça, religião, cor, classe social ou escolha política. Conforme os "Princípios para um marco regulatório democrático sobre rádio e TV comunitária" (AMARC, 2009), a razão de ser dos veículos comunitários é atender às necessidades de comunicação e habilitar o exercício do direito à informação e liberdade de expressão, promovendo o desenvolvimento social, direitos humanos e diversidade cultural e linguística.

A presença das igrejas evangélicas pode ser problemática, tanto quando operam de forma exclusiva quanto quando se inserem, apropriando-se de parte do tempo da programação para difundir suas ideias em uma prática que não corresponde à proposta da comunicação popular e comunitária. Em 2007, a rádio comunitária Dinâmica FM, em Londrina, tinha 14,6% de sua programação ocupada por programas religiosos, o que equivalia a 17 horas do total, com doze igrejas evangélicas participando (DUTRA, 2014).

A Rádio Comunitária Cincão FM, em Londrina, está no ar desde 27 de maio de 2005 e é reconhecida pelo município como de utilidade pública. A renda da rádio vem do apoio cultural de comerciantes da região, e ocasionalmente, os diretores precisam complementar as despesas. A rádio tem um alcance médio de 5 km, mas pode ser ouvida mundialmente pela internet. A presidenta da rádio, em entrevista em 2012, declarou que comunicação popular e comunitária significa abrir espaço para que todas as pessoas da comunidade local utilizem a rádio para exercer a cidadania, sem discriminação de classe social ou idade. Ela também mencionou eventos realizados com apoio da comunidade e comerciantes locais.

Em 2013, a programação da Cincão FM incluía três programas religiosos mantidos por igrejas pentecostais. Dos programas religiosos mantidos apenas o Pastor Wilson Thinonin, do programa "Vida Melhor", aceitou ser entrevistado. Os outros pastores alegaram que seus programas "não carregavam placas de igreja". O programa "Paz em Jesus", do Presbítero Isaías, e o "Momento Gospel" são os outros programas religiosos. O programa "Vida Melhor" é gravado em um estúdio particular do Pastor Wilson e veiculado em mais de 400 emissoras no Brasil e no exterior, incluindo a Cincão FM. Ele tem um formato humorístico com piadas evangélicas, mensagens e orações, sem participação da comunidade na elaboração ou durante a apresentação.

O Pastor Wilson Thinonin afirmou que o objetivo de sua igreja, O Brasil para Cristo, ao manter um programa em uma rádio comunitária é alcançar as pessoas, funcionando como uma porta de entrada para a igreja. Para ele, comunicação popular e comunitária significa "falar o que o povo entende", sem uma linguagem acadêmica. Questionado sobre o objetivo da rádio Cincão FM, o pastor respondeu que é "ouvir o pessoal da rua, do bairro, o presidente do bairro, porque existem muitos problemas numa comunidade que ela mesma poderia prover solução".

Apesar dessas declarações, o programa "Vida Melhor" não aborda assuntos específicos da realidade do bairro Cincos Conjuntos, tratando de temas gerais, o que não

contribui para a mobilização da luta popular. Peruzzo (1998) argumenta que a simples troca de mensagens entre locutores e ouvintes, ou entre ouvintes, como pedidos de músicas ou depoimentos, não constitui um nível satisfatório de participação. A participação popular efetiva deve ir além, alcançando os níveis de produção, planejamento e gestão dos meios de comunicação. "A participação efetiva da comunidade na elaboração das produções é exatamente o que vai distinguir um veículo comunitário" (PAIVA, 1998, p. 159).

## CONCLUSÃO

8

A pesquisa revelou que o uso de rádios comunitárias por igrejas evangélicas pentecostais, como a Cincão FM, em Londrina-PR, está predominantemente alinhado aos objetivos de disseminação de ideologias religiosas e captação de fiéis. Desde o surgimento do rádio, diversas denominações religiosas, incluindo as pentecostais e neopentecostais, têm se utilizado desse meio de comunicação para sua expansão e manutenção.

Embora as rádios comunitárias tenham surgido para atender às necessidades de movimentos sociais e promover a participação em prol da cidadania e democracia, a atuação das igrejas pentecostais nesse cenário muitas vezes diverge desses princípios. O caso do programa "Vida Melhor" na Cincão FM ilustra essa desarmonia, uma vez que o programa é produzido externamente, sem participação da comunidade local, e foca em temas religiosos genéricos.

A participação identificada em outros programas religiosos, como o "Paz em Jesus", através de mensagens no mural do site, é mínima e restringe-se a pedidos de oração, músicas e depoimentos, reforçando a ideologia religiosa. Essa forma de interação não atinge os níveis de participação preconizados pela comunicação popular e comunitária, que exigem envolvimento na produção, planejamento e gestão dos meios.

A forte presença midiática das igrejas pentecostais, embora eficaz para o proselitismo e a legitimação institucional, levanta preocupações sobre a liberdade de expressão, a democratização da comunicação e a garantia da pluralidade e diversidade nas mídias. A "comunicação popular em seus aspectos teóricos", conforme Peruzzo (1995) enfatiza a comunicação de resistência e a luta por melhores condições de existência.

É um desafio conciliar os interesses religiosos com os objetivos educativos e políticos da comunicação popular e comunitária. As rádios comunitárias, por sua natureza, devem ser espaços para o desenvolvimento local, a promoção da cidadania e a prática da democracia, permitindo a expressão de todos os segmentos da comunidade.

A utilização da mídia radiofônica por instituições evangélicas pentecostais é viável devido à ação da mídia na reprodução de formas simbólicas. No entanto, é crucial que, ao ocupar o espaço de uma rádio comunitária, a instituição religiosa considere essa particularidade, discutindo previamente com a comunidade e contribuindo para os objetivos da comunicação contra-hegemônica.

Apesar dos desafios, acredita-se que as igrejas podem contribuir com as necessidades reais das comunidades e que o tratamento de questões religiosas é importante, pois a crença faz parte da vida em sociedade. A presença de programas religiosos na mídia comunitária pode, sim, representar um aspecto democrático, desde que observe as necessidades da comunidade e promova a democratização.

Os desafios para a comunicação popular e comunitária persistem, exigindo uma participação efetiva que transforme a população em protagonista de sua própria história, envolvida na gestão e planejamento dos meios de comunicação. A experiência da participação efetiva é um processo longo e trabalhoso, mas fundamental para a construção de uma cultura democrática e a valorização das raízes da população.

A interação entre o fiel e a instituição religiosa via rádio, mesmo que por meio de mensagens limitadas, gera um senso de pertencimento e comunhão, o que pode impulsionar uma participação mais efetiva. No entanto, as consequências da marcante presença pentecostal na mídia radiofônica e na comunicação popular e comunitária são diversas e devem ser continuamente observadas e analisadas.

Nos tempos hodiernos, a interseção entre os ecossistemas midiáticos e as esferas religiosas tem sido palco de uma reconfiguração paradigmática. Longe de uma função meramente subsidiária, os meios de comunicação têm sido intrinsecamente assimilados pelas congregações, moldando de forma decisiva a própria fenomenologia do sagrado.

Para além das tradicionais metas proselitistas e de conversão, os grupos confessionais reconheceram a capilaridade da mídia como vetor para a proliferação de seus dogmas e ideários. Essa simbiose resultou não apenas no robustecimento e na proliferação de novas comunidades eclesiais, mas também capacitou os próprios fiéis a influenciar a dinâmica interna e a arquitetura identitária de suas respectivas afiliações religiosas.

Desta forma, é patente uma dupla inflexão: tanto na maneira pela qual as doutrinas religiosas integram os artefatos midiáticos quanto na própria tessitura da mídia, que passa a incorporar, em suas múltiplas manifestações, a crescente e multifacetada presença do discurso religioso.

## REFERÊNCIAS

ABREU, João Batista. **O pregador midiático**. Trabalho submetido ao grupo de rádio mídia sonora do 34º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, RS. 2 a 6 de Setembro de 2010. Disponível em: <[www.intercom.com.br](http://www.intercom.com.br)> Acesso em: Maio de 2014.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Mídia e religião no Brasil**. [Entrevista concedida a Instituto Humanas Unisinos] Instituto Humanas Unisinos. Adital, São Leopoldo, RS, 2009. Disponível em: <https://www.i.hu.unisinos.br/entrevistas/28395-midia-e-religiao-no-brasil-entrevista-especial-com-leonildo-silveira-campos> Acesso em: jul de 2025.

DUTRA, Patrícia Vicente. **O uso de rádios comunitárias por igrejas pentecostais: o caso da rádio comunitária Cincão FM de Londrina – PR**. 2014. 60 f. Monografia (Especialização em Comunicação Popular e Comunitária) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e mídia no Brasil**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003. 306p. (Estudos Franciscanos – Instituto Franciscano de Antropologia – IFAN).

GOMES, José Ozean. **Diversidade religiosa e mídia radiofônica: O uso das rádios comunitárias por instituições evangélicas no Brasil**. Ecclesiocom. Universidade Metodista, de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://azusa.emnuvens.com.br/revista/article/view/49/49> Acesso em: jul de 2025.

LUZ, Dioclécio. **Quem tem medo das rádios comunitárias?** Revista Caros amigos. Especial mídia. 2011.

MARIANO, Ricardo. **Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos**. Revista de Estudos da Religião. Dezembro, 2008, pp. 68-95.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **Os pressupostos teóricos da comunicação comunitária e sua condição de alternativa política ao monopólio midiático**. In: Intexto, Porto Alegre, UFRGS, v.02, n.25, p. 221-233, dez. 2011.

MODESTO, Cláudia Figueiredo; GUERRA, Márcio de Oliveira. **Expansão midiática da programação radiofônica religiosa: estratégia, técnica e linguagem**. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto – MG. 28 a 30/06/2012. Disponível em:

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cecília Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Patrópolis, RJ: Vozes, 1998.

---

PERUZZO, Cecília Krohling. **Comunicação popular em seus aspectos teóricos**. In: PERUZZO, Cecília Krohling. (org). Comunicação e culturas populares. São Paulo: Intercom, 1995.

PERUZZO, Cecília Krohling. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados**. Reelaborações no setor. Palavra Clave. V. 11 n.2 Chia Jul/Dez. 2008. Disponível em:

**Princípios para um marco regulatório democrático sobre rádio e TV comunitária**. Associação Mundial de Rádios Comunitárias, 2009. Disponível em: [www.amarcbrasil.org](http://www.amarcbrasil.org). acesso em: Setembro de 2013.

\* \* \* \* \*